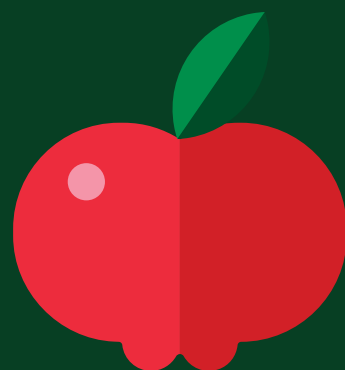
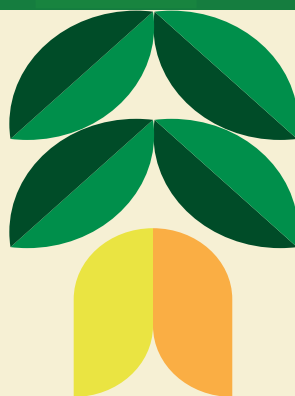
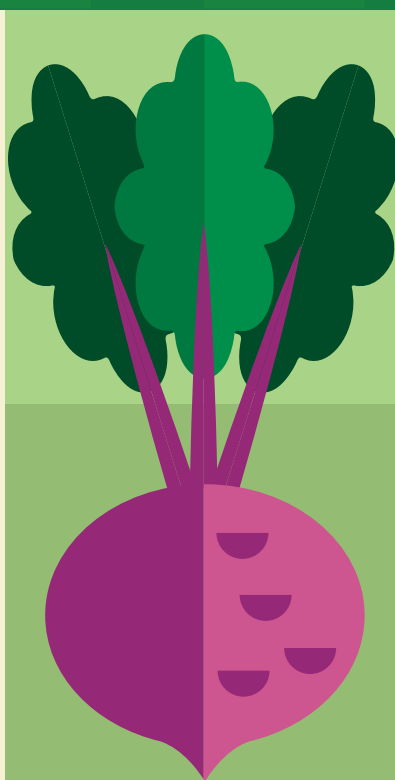
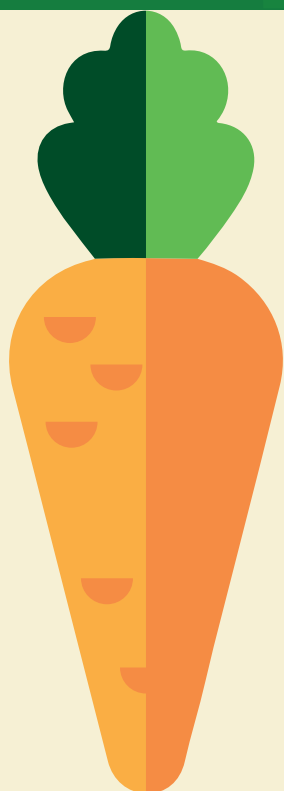


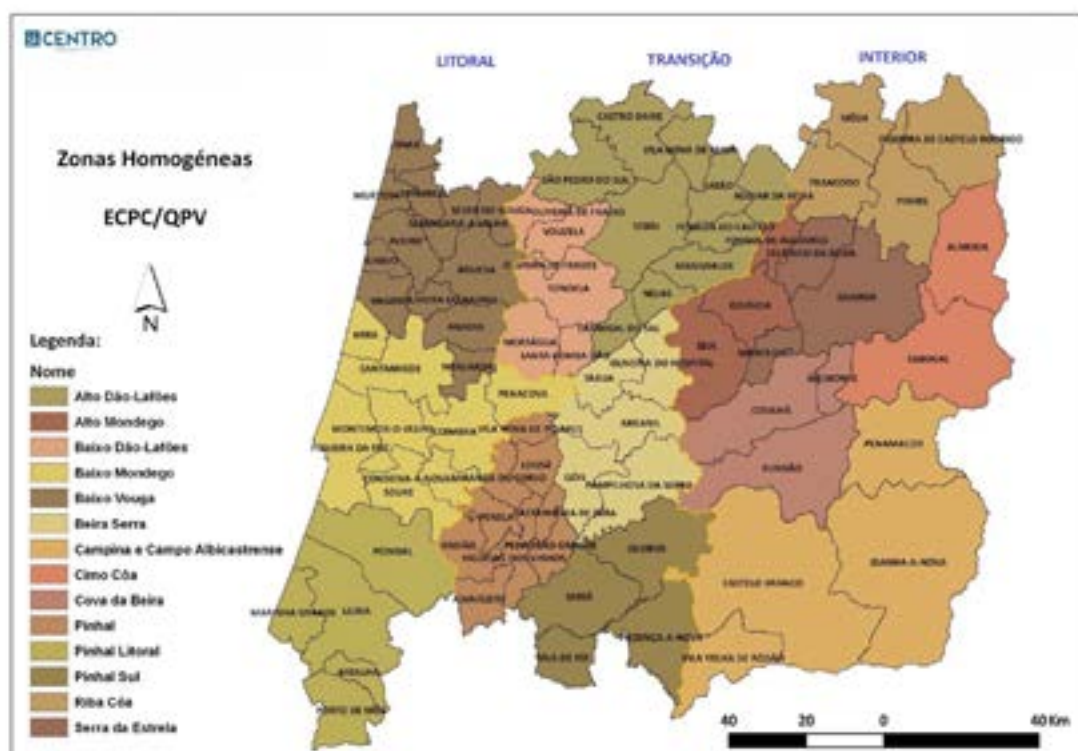
Relatório do Estado das Culturas e Previsão de Colheitas

Unidade de Desenvolvimento Rural e Agroalimentar
Divisão de Programas e Avaliação Agrícola



NOTA PRÉVIA

O relatório do Estado das Culturas e Previsão de Colheitas (ECPC) está integrado na operação “Estatísticas da Produção Vegetal”, sob a coordenação do Instituto Nacional de Estatística (INE). Recolhe e processa informação de carácter previsional relativamente a áreas, rendimentos e produções das principais culturas distribuídas pelas 14 Zonas Homogéneas da região Centro agregadas em 3 grandes zonas: Litoral (Baixo Vouga, Baixo Mondego e Pinhal Litoral), Transição (Alto Dão Lafões, Baixo Dão Lafões, Pinhal, Beira Serra, Alto Mondego e Pinhal Sul) e Interior (Serra da Estrela, Riba Côa, Cimo Côa, Cova da Beira e Campina e Campo Albicastrense).



A informação descritiva e quantitativa é recolhida para os principais grupos de culturas, nomeadamente, cereais de pragana, cereais de primavera/verão, batata, leguminosas secas, culturas industriais, frutos frescos, citrinos, frutos secos, vinha, olival.

O ECPC constitui uma das fontes privilegiadas para o estabelecimento da informação das estatísticas oficiais da produção vegetal, base para índices de volume das Contas Económicas da Agricultura, assim como sustenta o acompanhamento e monitorização da situação de seca no âmbito da Comissão Permanente de Prevenção, Monitorização e Acompanhamento dos Efeitos da Seca.

Os relatórios mensais são enviados ao INE (entidade coordenadora) e Gabinete de Planeamento, Políticas e Administração Geral (GPP), e publicados no portal da **CCDR Centro**.

O Instituto Nacional de Estatística (INE) sistematiza e disponibiliza a informação recolhida a nível nacional publicando o **Boletim Mensal de Agricultura e Pescas** e um destaque para a comunicação social.

ÍNDICE

1 . Estado do tempo e sua influência na agricultura.	4
2 . Fitossanidade: pragas e doenças, intensidade e frequência dos ataques; oportunidade e eficácia dos tratamentos efectuados; prejuízos causados para além do normal.	7
3 . Prados, pastagens e culturas forrageiras: estado vegetativo das pastagens de sequeiro, prados de regadio e forragens anuais; condições de alimentação das diferentes espécies pecuárias, importância do contributo de forragem verde, fenos, silagens e rações industriais relativamente a igual período do ano anterior.	8
4-e . Cereais praganosos de Outono-Inverno: produção quanto aos aspectos de quantidade, rendimento e qualidade dos produtos.	12
5-g . Culturas arbóreas e arbustivas, nomeadamente vinhas, pomares, de pomóideas, prunóideas, citrinos, kiwis, frutos secos e olivais: estado vegetativo, produção quanto aos aspetos de qualidade e quantidade.	13
6-d . Sementeira vegetativo das culturas arvenses de sequeiro e regadio, nomeadamente: milho, arroz, grão-de-bico, feijão, tomate (para indústria) e girassol; disponibilidade de água para rega.	23
9-c . Batata: estado vegetativo da cultura de regadio, andamento das colheitas da cultura de sequeiro; rendimento e qualidade dos produtos.	29



1 – Estado do tempo e sua influência na agricultura.

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, julho foi um mês com tempo estável, com temperaturas médias máxima de 29,6.ºC e mínima de 17,2.ºC. A precipitação foi escassa, mas com elevada humidade noturna, o que, aliada a alguns dias muito quentes, acompanhados com grande intensidade do vento do quadrante norte, tiveram influência no bom desenvolvimento do início da frutificação das pomóideas, prunóideas, citrinos e no vingamento do fruto nos pomares de kiwi. As culturas hortícolas, cereais, prados e pastagens, têm mantido uma razoável absorção de água, pelo que se mantém o desenvolvimento vegetativo, permitindo uma disponibilidade qualitativa e quantitativa satisfatória. Estas condições atmosféricas foram inibidoras do aparecimento de pragas e de doenças, contudo o stress hídrico tem surgido nas regiões no interior da região, principalmente ao nível das culturas temporárias, onde os agricultores são obrigados a regar já com uma maior frequência.

Na zona homogénea do Baixo Mondego, o mês de julho caracterizou-se por tempo seco e quente, muito solarengo e com pequenas amplitudes térmicas. Não se registou qualquer precipitação ao longo do mês e não ocorreram muitas neblinas matinais. Tivemos nesta região mais horas de luz, muito favorável para a cultura do arroz. Verificou-se uma onda de calor no início do mês, com temperaturas bastante elevadas. A temperatura máxima registada atingiu os 41.ºC e a temperatura mínima os 12.ºC, com noites de temperaturas amenas. Em geral, as condições meteorológicas têm permitido finalizar as colheitas de cereais praganosos; antecipação das colheitas de uvas,

milho e arroz devido ao bom desenvolvimento destas culturas. Foi iniciada a colheita de batata de regadio.

No Pinhal Litoral, durante o presente mês, a zona homogénea registou um padrão meteorológico marcado por temperaturas elevadas, humidade variável, radiação solar intensa e precipitação praticamente inexistente. Este conjunto de condições caracteriza um mês tipicamente seco e quente, com impacto direto no desenvolvimento das culturas agrícolas, no estado hídrico do solo e na pressão de pragas. As temperaturas máximas oscilaram frequentemente entre 30.ºC e 40.ºC, com vários dias acima deste limiar. As mínimas apresentaram-se em alguns dias entre 13.ºC e 18.ºC, garantindo noites relativamente frescas, mas, na sua maioria as noites foram quentes, sem amplitudes térmicas capazes de compensar o forte aquecimento diurno. Esta amplitude térmica favorece a evapotranspiração, conduzindo a um maior défice hídrico das plantas, sobretudo em culturas de ciclo estival como milho, hortícolas e fruteiras de regadio. A humidade relativa do ar apresentou valores muito contrastantes: dias com humidade mínima abaixo dos 20%, alternaram com períodos de saturação próximos dos 100%. Esta variabilidade influencia diretamente o risco de stress hídrico, a eficiência da rega e a suscetibilidade das plantas a doenças fúngicas. No entanto, a ausência de precipitação significativa reduziu a probabilidade de infeções por fungos dependentes de molhamento foliar prolongado. A precipitação foi praticamente nula em todas as estações, com apenas alguns episódios residuais. Estes valores são insuficientes para qualquer reposição hídrica do solo, mantendo a necessidade de rega contínua e aumentando o risco de défice hídrico

em culturas não irrigadas, como pastagens permanentes e sequeiro. A radiação solar foi muito elevada ao longo do mês, com valores acumulados diários superiores a 800-1000 W/m² em todas as estações. Esta intensidade favorece o desenvolvimento das culturas de verão, mas também aumenta o risco de escaldão em frutos e folhas, especialmente em pomares e vinhas expostos. A pressão de pragas manteve-se baixa nos registos ("Bichado" e "Cochonilha" praticamente a zero), o que é coerente com condições secas e quentes que limitam alguns ciclos biológicos. No entanto, o stress hídrico pode tornar as plantas mais vulneráveis a ataques de insetos sugadores, exigindo monitorização contínua.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, o mês teve no seu início um pico de calor com noites quentes e abafadas. O restante mês foi pautado por temperaturas máximas sempre acima dos 30.ºC, com arrefecimento noturno associado a alguma humidade. Sem períodos de precipitação. As condições climáticas exigiram aumento na dotação de água para combater o stress hídrico e não pôr em risco as culturas que agora se desenvolvem. Sobretudo as hortícolas que só têm raiz na camada superior do solo, onde já se verifica défice hídrico. Também o escaldão é uma preocupação quando se reúnem estas condições extremas, cabendo aos agricultores tentar proteger as culturas nas zonas de maior exposição solar.

Quer no Alto Mondego quer na Beira Serra, durante a primeira semana de julho as temperaturas máximas ultrapassaram os 40.ºC (sendo que no mês anterior as máximas nunca ultrapassaram os 30.ºC), esta alteração brusca da temperatura máxima provocou escaldão acentuado nas vinhas e pomares que não seguiram os conselhos do serviço de avisos, e, portanto, não realizaram a pulverização com caulino. Com base nas observações efetuadas, apenas os produtores mais profissionais e detentores de maiores áreas o fizeram. Durante o resto do mês as temperaturas máximas rondaram os 30.ºC e as mínimas os 15.ºC, com manhãs frequentemente nebuladas, tardes

solarengas, mas acompanhadas de vento. Não ocorreu precipitação durante todo o mês.

Tanto no Alto Dão-Lafões como no Baixo Dão-Lafões, o mês de julho foi caracterizado por temperaturas elevadas, com dias de calor intenso e reduzida precipitação. Durante a primeira semana as temperaturas máximas estiveram compreendidas entre os 38 e os 42.ºC. Estas condições favoreceram o desenvolvimento e a maturação das culturas, mas originaram situações de défice hídrico, sobretudo nas culturas de sequeiro, refletindo-se na diminuição da atividade vegetativa em alguns locais e algumas culturas. Apesar disso, a disponibilidade de água para rega permitiu, de um modo geral, assegurar o normal desenvolvimento das culturas de regadio.

No Pinhal Sul, o mês de julho, caracterizou-se por temperaturas médias máximas e mínimas elevadas, como é habitual para esta época do ano, e pela ausência total de precipitação. Todas as culturas de sequeiro apresentam sinais de stress hídrico, refletindo-se na diminuição da sua produtividade. Esta situação aumentou também a necessidade de rega nas restantes culturas, originando um acréscimo dos custos de produção.

Nas **zonas do interior**, em Riba Côa e Cimo Côa o estado de tempo não beneficiou o desenvolvimento da maioria das culturas, dado que não choveu e continuaram as temperaturas altas aumentando o risco de escaldão, tendo havido alguns incêndios na região. Quase todas as culturas estão avançadas para início das colheitas, principalmente a vinha.

Tanto na Cova da Beira como na Serra da Estrela, o mês de julho caracterizou-se por apresentar no geral, temperaturas médias elevadas, e precipitação nula. A diminuição da precipitação e a subida brusca da temperatura, em determinados dias, seguidas de oscilações térmicas inversas, por vezes acompanhadas de ventos moderados a fortes, com humidades relativas do ar baixas, contribuíram para a rápida secagem dos fenos e de algumas das pastagens de sequeiro existentes em solos mais frescos, principalmente a norte

destas zonas homogêneas. Estas condições deram continuidade a alguns problemas de queda de azeitona. Comprometeram também a germinação e desenvolvimento inicial de algumas culturas de primavera/verão, principalmente as realizadas em sequeiro.

Na Campina e Campo Albicastrense, o mês iniciou-se com um pico de calor registando-se temperaturas acima dos 40.ºC em vários dias. Posteriormente, as temperaturas baixaram para valores normais para a época do ano. O mês foi muito seco, com total ausência de precipitação. As elevadas temperaturas associadas à reduzida humidade relativa do ar provocaram escaldão em culturas permanentes.

No Anexo I, apresenta-se quadro com alguns valores da precipitação acumulada, número de dias com precipitação e de temperaturas médias registadas durante o mês de julho em algumas das Estações Meteorológicas do Ministério da Agricultura e de outros Organismos instaladas na região centro.

No Anexo II, apresenta-se quadro com valores referentes aos níveis de armazenamento de água nas albufeiras dos aproveitamentos hidroagrícolas do Grupo IV, na região centro, no final do mês de julho.



2 – Fitossanidade: pragas e doenças, intensidade e frequência dos ataques; oportunidade e eficácia dos tratamentos efectuados; prejuízos causados para além do normal..

De um modo geral não foram registados problemas fitossanitários significativos ao longo do mês, referindo-se apenas os seguintes casos:

- Na zona homogénea do Baixo Mondego (zona do litoral), não se verificaram problemas fitossanitários na cultura do arroz, porém, constata-se a presença de infestantes como a milhã e na cultura do milho a presença de milhã e junça.
- No Pinhal Litoral (zona do litoral), verificou-se que a psila-da-pereira beneficiou das condições meteorológicas, que se mantiveram “muito favoráveis ao desenvolvimento da mesma”. A intensidade dos ataques foi elevada, exigindo lavagens com sabão e, quando necessário, aplicação de inseticida. A eficácia dependeu da oportunidade das intervenções, sendo menor quando realizadas tardiamente. Os afídeos registaram níveis particularmente elevados este ano. A intensidade foi alta, exigindo intervenções quando os níveis económicos de ataque foram atingidos. A eficácia dos tratamentos foi variável, uma vez que o calor acelera os ciclos biológicos, obrigando a monitorização contínua. Nos citrinos, registou-se a presença de colónias de afídeos na rebentação jovem, favorecidas pelas condições meteorológicas.
- No Pinhal (zona de transição), vai-se verificando a presença de afídeos nos rebentos novos, em inúmeras fruteiras. A presença deste tipo de praga condiciona o bom desenvolvimento vegetativo da planta. Já se vai verificando alguma azeitona picada, sinal da presença da mosca-da-azeitona.
- Na Campina e Campo Albicastrense (zona de interior), nas vinhas referem-se uns pequenos focos de oídio nalgumas vinhas.

Quanto a prejuízos para além do normal, salientam-se os estragos significativos que os javalis têm provocado na agricultura, afetando de forma sistemática os campos de cereais em particular nesta altura as áreas semeadas de milho. A pressão crescente destas populações está a comprometer a produtividade, a estabilidade económica das explorações e o esforço diário dos agricultores, que veem parte do seu trabalho destruído em poucas horas. A situação é particularmente preocupante no Pinhal, perímetro de rega do Sirol, com cerca de 90 hectares, onde atualmente apenas duas explorações agrícolas com dimensão permanecem em atividade. Ambas enfrentam prejuízos severos e recorrentes resultantes da ação dos javalis, que têm destruído culturas em diferentes fases de desenvolvimento. Sem meios eficazes para controlar a população, os produtores encontram-se numa posição limite, ameaçando desistir da atividade devido aos prejuízos acumulados e à ausência de soluções operacionais que garantam proteção das culturas. Os danos deixaram de ser pontuais, tornaram-se extensos, persistentes e difíceis de mitigar, colocando em risco a viabilidade agrícola do perímetro de rega e comprometendo um investimento territorial estratégico. É, por isso, fundamental reforçar o alerta público e institucional, mobilizando medidas urgentes de gestão cinegética, vigilância e apoio direto aos agricultores. Sem intervenção imediata e coordenada, o perímetro de rega do Sirol poderá perder as poucas explorações que ainda resistem, agravando o abandono agrícola e fragilizando a sustentabilidade produtiva da região. O recurso às associações de caçadores para controlo dos efetivos, não se tem revelado uma solução para minifúndios nem para áreas confinantes com aglomerados urbanos, como é o caso do Regadio Tradicional da Ribeira do Sirol.

Na região Centro, continuam em curso os tratamentos fitossanitários preventivos nas diversas culturas habituais para a época do ano.

Os tratamentos (preventivos/curativos) ou o conjunto de medidas culturais aconselhadas ao longo do mês de julho para as diferentes culturas, a merecer realce nos Avisos Agrícolas das Estações de Avisos da D.G.A.V. para a área de actuação da CC DR Centro, foram:

Citrinos – cochonilhas; afídeos (piolho-verde e piolho-cinzento).

Olival –mosca-da-azeitona (*Bactrocera oleae*); traça-da-oliveira (*Prays oleae*).

Pomóideas (macieiras, pereiras) – pedrado; fogo-bacteriano; bichado da fruta (*Cydia pomonella*); afídeos cinzento e pulgão-lanífero; aranha-vermelha (*Tetranychus urticae*); psila-da-pereira; mosca-do-Mediterrâneo ou mosca-da-fruta (*Ceratitis capitata*).

Prunóideas (pessegueiro/cerejeira/outras) – pessegueiros – anársia (*Anarsia lineatella*); mosca-do-Mediterrâneo (*Ceratitis capitata*).

Vinha – míldio; oídio (*Erysiphe necator*); podridão-cinzenta; traça-da-uva (*Lobesia botrana*); cicadelídeos ou cigarrinha-verde; medidas ou práticas culturais; prevenir escaldão nos frutos através de adoção de práticas que reduzam a exposição dos cachos ao sol.

Altas temperaturas – escaldão – recomendações de actuação.

3 – Prados, pastagens e culturas forrageiras: estado vegetativo das pastagens de sequeiro, prados de regadio e forragens anuais; condições de alimentação das diferentes espécies pecuárias, importância do contributo de forragem verde, fenos, silagens e rações industriais relativamente a igual período do ano anterior.

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, a escassa pluviosidade registada neste mês, associada a temperaturas médias altas e/ou amenas, influenciou o estado das pastagens de sequeiro, assim como dos prados e pastagens permanentes espontâneas onde já se sente algum stress hídrico em parcelas arenosas ou em cotas mais altas. Em algumas zonas da região, nomeadamente nas mais altas e mais interiores, as regas são mais abundantes, de modo a proporcionar e complementar os prados, pastagens e culturas forrageiras, da humidade necessária ao regular desenvolvimento dos seus ciclos vegetativos. A colheita das culturas forrageiras de outono-inverno está terminada, com produções, tanto em qualidade como em quantidade, idêntica às do ano anterior. A sementeira do milho forrageiro está terminada, prevendo-se uma área próxima à do ano anterior apresentando uma boa germinação e homogénea. A alimentação animal mantém-se dentro do habitual, com utilização dos fenos e das silagens, aliadas às necessárias rações



industriais, que por sua vez são complementadas e enriquecidas com os suplementos vitamínicos.

No Baixo Mondego, devido a pastagens de sequeiro tiveram uma estagnação no seu desenvolvimento vegetativo, já os prados de regadio desenvolveram com normalidade. O milho forrageiro apresenta-se uniforme e com bom desenvolvimento vegetativo. A alimentação do efetivo pecuário, continua a ser predominantemente de forrageiras em verde ou fenadas, palha, silagem de milho e algum arração. Tem decorrido com normalidade o pastoreio direto. O abeberamento de todos os animais permanece sem qualquer limitação.

No Pinhal Litoral, os prados de regadio mantêm uma produção mais estável, beneficiando da rega regular que permite compensar o défice hídrico e sustentar um nível produtivo adequado para as necessidades das explorações pecuárias. As forragens anuais mostram um desempenho positivo, destacando-se o milho para silagem, que apresenta boa produção e elevado potencial de matéria seca, refletindo a adaptação desta cultura às condições de calor intenso quando acompanhada de rega suficiente. O azevém, por sua vez, encontra-se a iniciar o segundo corte, evidenciando uma recuperação vegetativa satisfatória nas parcelas com disponibilidade hídrica. No que respeita às condições de alimentação das diferentes espécies pecuárias, verifica-se que a oferta de forragem verde é mais limitada nas áreas de sequeiro, obrigando a um maior recurso a feno, silagens e rações industriais para assegurar o equilíbrio nutricional dos efetivos. Em comparação com o mesmo período do ano anterior, nota-se uma maior dependência de alimentos conservados, sobretudo nas explorações sem acesso a regadio, onde a quebra de produção das pastagens é mais evidente. A importância das silagens, particularmente a de milho, é este ano superior, funcionando como base energética essencial para bovinos de leite e carne. Os feno continuam a desempenhar um papel relevante, embora a sua disponibilidade dependa da produção primaveril, que foi irregular. As rações industriais mantêm-se como complemento indispensável, garantindo o aporte proteico necessário em fases de maior exigência fisiológica.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, os cortes para feno e ensilagem (menos comum na zona) já foram realizados. O pastoreio extensivo já só está em curso em terrenos onde não foi cortada a erva ou em zonas que foram tendo alguma humidade noturna que permitiu a produção (residual) de matéria verde.

Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, apesar de o teor de humidade nos solos ter diminuído, e das temperaturas elevadas registadas na primeira semana do mês, os pastos dos lameiros continuam verdejantes, e os restantes, já fenecidos, ainda possibilitam o pastoreio. As forrageiras já colhidas e armazenadas, apresentaram boa produtividade. Não houve aumento de consumo de alimentos concentrados e conservados, dada a disponibilidade de erva em pastoreio.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, as pastagens de sequeiro, que durante o mês de junho apresentaram uma diminuição do desenvolvimento vegetativo, embora sem comprometer significativamente a alimentação dos animais, agravaram o seu desenvolvimento, devido às temperaturas elevadas e falta de precipitação, ocorridas no presente mês, encontrando-se praticamente secas e com baixo valor nutritivo, reduzindo significativamente o seu contributo para a alimentação animal e aumentando a necessidade de complementos. Os prados de regadio, que durante praticamente todo o mês de junho mantiveram um bom estado vegetativo, passaram, em julho, a depender de maior disponibilidade de água para rega. Nas explorações onde o acesso à água foi limitado, verificou-se uma redução do crescimento vegetativo e da capacidade de produção de forragem. Relativamente às culturas forrageiras anuais, uma parte significativa já tinha sido cortada, as que permaneceram no terreno foram afetadas pelas condições meteorológicas, registando uma redução do crescimento vegetativo e, consequentemente, da produção de forragem, salvo nas explorações onde as regas passaram a ser mais frequentes, para assegurar o normal desenvolvimento e produtividade destas culturas. Apesar de, no mês anterior, se ter verificado uma maior disponibilidade e qualidade de forragem verde, as condições meteorológicas adversas

registadas durante o mês de julho inverteram essa situação, pelo que, comparativamente ao mesmo período de 2025, observa-se uma menor disponibilidade de pastagem natural levando ao aumento de dependência de fenos, silagens e rações industriais.

No Pinhal Sul, os prados e as pastagens continuam secos. Alguns animais ainda permanecem em pastoreio, sendo, no entanto, suplementados com rações e feno. Outros animais, mais sensíveis às elevadas temperaturas que se têm registado, deixaram de pastorear e são alimentados à manjedoura. Como este foi um ano com pouca produção de feno, alguns produtores já tiveram de comprar forragens para complementar a alimentação dos animais.

Nas **zonas do interior**, quer em Riba Côa quer em Cimo Côa, estas culturas no geral, apresentam um razoável aspecto vegetativo, mas começam a apresentar algum stress hídrico porque não chove. Para já, não há necessidade de recorrer a forragens armazenadas e a suplementos alimentares. Os suplementos são especialmente utilizados na criação do efetivo de engorda. Praticamente estão terminadas as colheitas de palhas e fenos para armazenamento, prevendo-se um bom ano para as forragens.

Nas zonas homogêneas da Cova da Beira e da Serra da Estrela, as temperaturas elevadas registadas, assim como, a quase ausência de precipitação, provocaram a antecipação da maturação das espécies pratenses e forrageiras dando origem a pastagens com menor quantidade de massa forrageira e a forragens com menos grão e palhas curtas. Deste modo, os fenos viram também reduzida a sua produtividade em cerca de 50% relativamente ao ano anterior. Perduram algumas pastagens essencialmente espontâneas, em vales mais frescos situados principalmente na Serra da Estrela, cujo crescimento das espécies ainda se mantém. As pratenses e as forrageiras de regadio (figura 1), apresentam melhores acréscimos de matéria verde uma vez que beneficiaram da temperatura mais elevada e da humidade necessária ao seu bom desenvolvimento. Por outro lado, as forrageiras de sequeiro viram o seu crescimento comprometido com as altas temperaturas e ausência de precipitação e consequente humidade. Este mês verificou-se uma maior utilização de alimentos conservados ou rações, em cerca de 15%, relativamente ao mesmo período do ano transato. Nos animais com vocação produtiva de leite ou de engorda, continua-se a recorrer ao uso de rações e de outros alimentos conservados, nas quantidades habituais.

Fig. 1 - Pastoreio de ovinos em campo semeado com mistura forrageira de regadio – Celorico da Beira (Serra da Estrela).



Na Campina e Campo Albicastrense, as pastagens de sequeiro e as culturas forrageiras de outono/inverno encontram-se secas. As culturas forrageiras de primavera-verão estão com bom aspeto vegetativo e nalguns casos já estão a ser pastadas pelos efetivos pecuários (figuras 2 e 3).

Certos produtores referem, no entanto, que as milharadas estão mais fracas relativamente ao ano anterior devido ao calor extremo que ocorreu. Dado que a disponibilidade de alimento verde é inferior à de alimento seco, é necessário gerir a quantidade distribuída ao longo do tempo.

Fig. 2 - Pastoreio de sorgo regadio por ovinos.



Fig. 3 - Milharada (sequeiro).



4-e – Cereais praganosos de Outono-Inverno: produção quanto aos aspectos de quantidade, rendimento e qualidade dos produtos..

Nas zonas do litoral, no Baixo Vouga, as condições climatéricas deste mês foram favoráveis ao longo de todo o ciclo vegetativo e essenciais à formação das searas, com um bom desenvolvimento das culturas cerealíferas de sementeira Outono-Invernal, constituídas essencialmente por aveia e tritcale. Estima-se um ligeiro decréscimo na produção de trigo, centeio, cevada e tritcale.

Na zona homogénea do Baixo Mondego, estão a finalizar-se as colheitas destas culturas. Prevê-se uma menor produção em relação ao ano passado, devido às chuvas constantes que afetaram estas culturas, no início do seu desenvolvimento vegetativo.

No Pinhal Litoral, o ciclo produtivo dos cereais praganosos de outono inverno encontra se praticamente concluído e confirma uma campanha fortemente condicionada pelo excesso de água que marcou fases determinantes da instalação e desenvolvimento das culturas. A precipitação intensa e prolongada provocou encharcamento dos solos, atrasos nas sementeiras, dificuldades na emergência e afilhamento e, em muitos casos, perda de plantas logo nas primeiras semanas de crescimento. Estas condições não foram propícias ao desenvolvimento normal das culturas, refletindo se em produtividades muito baixas face ao ano anterior. O trigo foi severamente afetado, apresentando apenas 28% da produção obtida no período homólogo. O excesso de água reduziu a oxigenação radicular, atrasou o desenvolvimento vegetativo e comprometeu o enchimento do grão, resultando em searas menos densas e com menor rendimento por hectare. A qualidade manteve se aceitável nas parcelas menos afetadas, mas não compensou a quebra acentuada na quantidade produzida. O centeio, apesar de mais tolerante a condições adversas, também sofreu penalizações, atingindo cerca de 81% da produção do ano anterior. Embora tenha conseguido completar o ciclo com menor impacto, o encharcamento inicial limitou o vigor vegetativo e reduziu o número de espigas por metro quadrado, condicionando o rendimento final. A qualidade do grão manteve se estável, refletindo a rusticidade da cultura. A aveia registou cerca de 64% da produção do ano anterior, evidenciando igualmente os efeitos negativos do excesso de água. A cultura apresentou dificuldades na emergência e maior sensibilidade ao encharcamento, resultando em plantas menos desenvolvidas e menor capacidade de enchimento do grão. A qualidade manteve se aceitável, mas a quantidade produzida ficou claramente abaixo das expectativas. A cevada foi, sem dúvida, a cultura mais afetada nesta campanha, não tendo havido produção. O excesso de água inviabilizou a instalação em muitas parcelas e comprometeu totalmente o desenvolvimento vegetativo nas restantes. A sensibilidade da cevada ao encharcamento e às oscilações térmicas resultou numa quebra total da produção, impossibilitando a colheita e criando dificuldades acrescidas para as explorações que dependem desta cultura para alimentação animal ou para venda à indústria.

Nas **zonas de transição**, tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, as culturas cerealíferas de sementeira outono-inverno estão já colhidas, confirmando-se a previsão de uma diminuição da produtividade.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, os estados vegetativos destas culturas encontram-se maioritariamente nas fases de maturação completa e colheita. As condições meteorológicas verificadas, sobretudo, no mês de julho, caracterizadas por temperaturas elevadas e precipitação muito reduzida, aceleraram o processo de maturação e a fase final das colheitas, permitindo a realização de colheita em condições favoráveis. No que respeita à quantidade, a produção apresentou valores superiores aos registados no ano anterior, contudo, alguma diferença entre explorações, associada à disponibilidade de água. Relativamente à qualidade, o tempo seco durante a maturação e a colheita favoreceram a obtenção de grãos com baixos teores de humidade, motivo de boa qualidade do grão, embora em alguns locais, o stress hídrico e térmico ocorrido na fase final do ciclo tenha limitado o enchimento dos grãos, sobretudo nas

parcelas de sequeiro. Comparativamente ao ano anterior, a área semeada foi idêntica à registada no ano anterior, em relação à produção, prevê-se um aumento.

No Pinhal Sul, as colheitas dos cereais já foram concluídas e, embora à primeira vista apontassem para uma boa produção, essa expectativa não se confirmou. Ainda não foi efetuado o apuramento da quantidade produzida, mas prevê-se que a produção seja baixa. As elevadas temperaturas registadas durante a fase do grão leitoso provocaram o seu mirramento e secagem, comprometendo o rendimento das culturas.

Nas zonas do interior, quer em Riba Côa quer em Cimo Côa, praticamente estão terminadas as colheitas destas culturas estimando-se que a produção das mesmas em termos de quantidade e qualidade seja idêntica ao ano anterior.

Estas culturas estão no final da sua colheita na Cova da Beira e a meio desta na Serra da Estrela. De um modo geral, apresentaram um menor desenvolvimento e consequentemente palhas curtas e deficiente “granação” (baixo número de sementes por espiga e/ou espigas curtas) ou até morreram devido ao encharcamento, durante o inverno. A primavera com fraca pluviosidade também veio prejudicar o seu desenvolvimento. Relativamente ao ano anterior, na Cova da Beira, estimam-se quebras de produtividade da ordem dos 20% e 15% na Serra da Estrela.

Na Campina e Campo Albicastrense, concluídas as colheitas, verificou-se que os cereais registaram uma quebra de produção de cerca de 30%, superior à estimada no relatório anterior, devido às condições meteorológicas adversas verificadas durante o desenvolvimento destas culturas.

5-g – Culturas arbóreas e arbustivas, nomeadamente vinhas, pomares, de pomóideas, prunóideas, citrinos, kiwis, frutos secos e olivais: estado vegetativo, produção quanto aos aspetos de qualidade e quantidade..

• Pomares de Castanheiros e outros frutos secos

Nas **zonas do litoral**, no Pinhal Litoral, as culturas de frutos secos, como amendoal e nogueiral, apresentam um comportamento vegetativo estável, com boa formação de casca e enchimento dos frutos. A produção prevista é semelhante à do ano anterior, sem constrangimentos relevantes.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, a cultura do castanheiro encontra-se no estado fenológico de inchamento/engrossamento do ouriço. A quantidade de ouriços não é inferior à verificada em anos de boas produções. Contudo, a cultura é bastante sensível tanto a fatores abióticos como o stress hídrico que tendencialmente ocorre durante o período crítico de desenvolvimento do fruto, como a fatores bióticos. Entre estes, destacam-se a podridão-castanha, a septoriose e a lagarta-da-castanha, doenças e praga, respetivamente, que têm condicionado a produtividade nos últimos anos. Assim, apesar do bom aspeto visual dos soutos, ainda é cedo para prever uma campanha de sucesso.

Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, os castanheiros encontram-se no estado fenológico Dm – aparecimento dos amentilhos androgínicos.

No Pinhal Sul, os castanheiros encontram-se no estado fenológico de desenvolvimento dos frutos, com os ouriços em crescimento (figura 4), correspondente à fase intermédia entre o final da floração e a maturação. A passagem da tempestade Kristin provocou a queda de numerosos castanheiros, o que deverá traduzir-se numa redução significativa da produção de castanha. No entanto, as árvores que resistiram apresentam uma boa quantidade de ouriços, indiciando um bom potencial produtivo.



Fig. 4 - Ouriços de castanha.

Nas zonas do interior, os pomares de aveleiras que já vão tendo expressão na Cova da Beira, apresentam bom desenvolvimento e uma produção normal, proporcional à sua idade.

• Pomares de Citrinos

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Mondego, os citrinos apresentam frutos bem formados.

No Pinhal Litoral, os citrinos apresentam um estado vegetativo robusto, com boa retenção de frutos e crescimento contínuo das novas brotações. A produção prevista aponta para quantidades semelhantes às do ano anterior, com qualidade comercial adequada. A necessidade de controlo de afídeos mantém-se, mas sem impacto relevante na produção.

Nas zonas de transição, tanto no Alto Dão-Lafões como no Baixo Dão-Lafões, os citrinos têm pouca expressão nestas zonas, contudo, os pomares existentes apresentam um desenvolvimento vegetativo e vingamento normal, prevendo-se uma produção semelhante à do ano anterior.

No Pinhal Sul, a campanha do limão terminou com uma produção inferior à do ano anterior, registando-se quebras na ordem dos 60%. A passagem da tempestade Kristin contribuiu significativamente para esta redução da produção.

- **Pomares de Kiwis e Abacate**

Nas **zonas do litoral**, no Pinhal Litoral, o desenvolvimento vegetativo dos kiwis é satisfatório, com boa formação de gomos e frutos, embora esta cultura seja mais sensível ao défice hídrico, exigindo maior atenção à rega para garantir calibres adequados.

Nas **zonas de transição**, tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, os kiwis encontram-se no estado fenológico M - frutos em crescimento. É notório um maior número de frutos por planta, relativamente ao ano passado, o que deverá levar a um aumento de produtividade.

No Pinhal Sul, os kiwis encontram-se no estado fenológico de desenvolvimento dos frutos (figura 5), apresentando uma boa frutificação, com numerosos frutos distribuídos pela planta. Perspetiva-se uma produção dentro dos valores normais para a cultura.



Fig. 5 - Kiwis em desenvolvimento.

- **Pomares de Pequenos Frutos (mirtilo, ...)**

Nas **zonas de transição**, tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, os mirtilos encontram-se no estado fenológico K - em final de colheita. É semelhante o número de frutos por árvore, relativamente ao ano passado.

Nas zonas do interior, quer na Cova da Beira quer na Serra da Estrela, os mirtilos encontram-se em fase final de produção. Estima-se produtividade superior em cerca de 40% relativamente ao ano anterior, com bons calibres, em ambas as zonas homogéneas (figura 6).



Fig. 6 – Plantação de Mirtos – Aldeia Viçosa (Serra da Estrela).

• Pomares de Pomóideas

Nas **zonas do litoral**, no Pinhal Litoral, nas macieiras e pereiras, o desenvolvimento vegetativo decorre de forma normal, com frutos bem vingados e crescimento uniforme. A qualidade é globalmente boa, beneficiando da ausência de períodos prolongados de humidade que poderiam favorecer doenças como o pedrado. A produção mantém-se dentro dos valores habituais, sem oscilações relevantes.

No Baixo Mondego, as pomóideas apresentam-se com frutos em fase de vingamento.

Nas **zonas de transição**, tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, as macieiras encontram-se no estado fenológico J - fruto em desenvolvimento, sendo notório um menor número de frutos por árvores relativamente ao ano passado, no entanto, o calibre é visivelmente superior. As pereiras encontram-se no estado fenológico J - fruto em desenvolvimento, sendo notório um maior número de frutos por árvore, relativamente ao ano passado. Quanto aos marmeleiros encontram-se no estado fenológico J - fruto em desenvolvimento, o número de frutos por árvore é semelhante ao ano passado.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, as condições meteorológicas, nomeadamente as temperaturas elevadas, promoveram o avanço da maturação dos frutos, mas levaram a situações de stress hídrico, particularmente nas explorações de sequeiro ou com limitações na disponibilidade de água para rega. Como consequência destas condições, os frutos cresceram mais lentamente, o que afetou o seu calibre e qualidade. Nas explorações com rega, o estado vegetativo mantém-se satisfatório, permitindo manter o potencial produtivo e a qualidade da produção. As condições meteorológicas nas próximas semanas, são decisivas para uma boa campanha.

No Pinhal Sul, as macieiras apresentam uma boa carga de frutos e encontram-se na fase de maturação dos frutos (figura 7), particularmente nas variedades mais precoces. A produção deverá ser um pouco superior à registada no ano anterior. No entanto, a variedade Golden, por ter sido mais afetada pelas baixas temperaturas durante o período de floração, poderá apresentar quebras significativas de produção.



Fig. 7 - Maças em maturação.

As pereiras encontram-se na fase de maturação dos frutos (figura 8), apresentando um bom estado vegetativo e uma boa carga de frutos. Estima-se que a produção seja superior à registada em 2025.



Fig. 8 - Peras em maturação.

Nas zonas do interior, tanto em Riba Côa como em Cimo Côa, estas culturas apresentam de momento um razoável estado vegetativo, prevendo-se que seja um bom ano, dado o aspeto vegetativo que apresentam.

Quer na Cova da Beira quer na Serra da Estrela, nas pereiras, prevê-se uma produtividade normal da variedade Rocha, em ambas as zonas homogéneas e uma quebra de cerca de 25% nas variedades Abate Fetel e Comice na Cova da Beira. Nas macieiras, também se aguarda um ano com produtividades normais para as regiões e espécie.

• Pomares de Prunóideas

Nas **zonas do litoral**, no Pinhal Litoral, nas prunóideas observa-se igualmente uma evolução vegetativa regular, com frutos de bom calibre e maturação homogénea não se registando constrangimentos fitossanitários significativos.

Nas **zonas de transição**, tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, os pessegueiros encontram-se no estado fenológico I – frutos em crescimento, sendo notório um menor número de frutos por árvore, relativamente ao ano passado no Alto Mondego, e o contrário na Beira Serra; as ameixeiras encontram-se colhidas, e foi notório um menor número de frutos por árvore, relativamente ao ano passado. As cerejeiras encontram-se colhidas e confirma-se um aumento da produtividade relativamente ao ano passado. As amendoeiras encontram-se no estado fenológico J – frutos em início de maturação, sendo notório um maior número de frutos por árvore, relativamente ao ano passado; no entanto, algumas árvores estão a morrer, atribuindo-se o facto a um vírus transmitido pela picada de um inseto.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, as condições meteorológicas, nomeadamente as temperaturas elevadas, promoveram o avanço da maturação dos frutos, mas levaram a situações de stress hídrico, particularmente nas explorações de sequeiro ou com limitações na disponibilidade de água para rega. Como consequência destas condições, os frutos cresceram mais lentamente, o que afetou o seu calibre e qualidade. Nas explorações com rega, o estado vegetativo mantém-se satisfatório, permitindo manter o potencial produtivo e a qualidade da produção. As condições meteorológicas nas próximas semanas, são decisivas para uma boa campanha.

No Pinhal Sul, a amêndoa encontra-se na fase final de maturação. As condições observadas indicam que este poderá ser um bom ano de produção para a cultura.

Nas **zonas do interior**, quer na Cova da Beira quer na Serra da Estrela, os pessegueiros, nectarinas e ameixas, encontram-se na fase de maturação e colheita em ambas as zonas homogéneas. Estima-se um incremento na produtividade de cerca de 150% nas nectarinas, de cerca de 50% nos pêssegos e de cerca de 35% nas ameixas. O mesmo aconteceu com os alperces, com um aumento efetivo da produtividade de cerca de 150%, em referência ao ano anterior, na Cova da Beira, onde a cultura é expressiva. Terminou a campanha da cereja, tendo decorrido bem, com a produção de frutos em grande quantidade, de bom calibre, e boa qualidade; com produções superiores às obtidas no ano anterior. Os pomares de amêndoa existentes principalmente na Cova da Beira, apresentam um bom aspeto vegetativo e bom desenvolvimento do fruto. Estima-se uma produtividade média acima da média do ano anterior em cerca de 15%.

Na Campina e Campo Albicastrense, no pêssego e nectarina, a produção é superior à do ano anterior, equivalendo à de um ano normal em termos de quantidade e também de qualidade. Igualmente na cereja também estamos perante um ano normal de produção, a qual é substancialmente superior ao ano anterior.

Na amêndoa (figura 9) estima-se aumento de produção relativamente ao ano anterior em cerca de 25%. A amêndoa está na fase de maturação dado que a casca verde (capota), começou a abrir naturalmente (figura 10). As primeiras colheitas estão a iniciar-se, verificando-se antecipação comparativamente ao ano anterior.



Fig. 9 – Amendoal em fase de maturação.



Fig. 10 – Amêndoa na fase de abertura da casca verde.

- **Olival**

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, os olivais encontram-se atualmente na fase de desenvolvimento e crescimento do fruto. Por razões ainda por apurar, talvez devido as condições edafoclimáticas da região, o fruto caiu com grande intensidade, e atualmente os olivais encontram-se com pouca e fraca azeitona, perspetivando uma produção muito heterogénea e diminuição em quantidade em relação ao último ano.

No Baixo Mondego, o olival encontra-se no estado fenológico H - Vingamento do fruto, com boa formação de frutos e com uma quantidade razoável.

No Pinhal Litoral, o estado vegetativo dos olivais é considerado bom, com boa carga de azeitona e evolução regular do crescimento dos frutos. A produção aponta para valores equilibrados, embora a pressão da mosca-da-azeitona exija monitorização contínua.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, a cultura encontra-se no estado fisiológico de frutos em crescimento – 2º estado. Ultrapassada a fase de queda fisiológica de fruto (mais acentuada pelas condições climáticas do mês anterior) a carga de fruto ainda permite algum otimismo, atendendo a que este é um ano de contrassafra. Contudo, se as condições climáticas extremas se repetirem, pode haver alguma perda de fruto, reflexo de stress térmico e ausência de água no solo (a análise refere-se a olivais tradicionais que correspondem à maior parte da área de olival nesta zona e não a olivais com sistema de rega). As questões fitossanitárias serão igualmente um fator preponderante na qualidade e quantidade da produção, situação a acompanhar nos próximos meses.

Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, os olivais encontram-se no estado fenológico H - lenhificação do caroço. Como se previu, dadas as condições climáticas favoráveis a um bom vingamento do fruto, verifica-se um aumento de frutos por árvore, o que deverá trazer um aumento de produtividade nos olivais tratados. Na região do Alto Mondego, além de uma área significativa ardida em 2025 no concelho de Seia, observam-se muitas oliveiras sem poda ou curas nos concelhos de Fornos e de Gouveia, o que independentemente da frutificação, trará para esta região homogénea um decréscimo de produtividade.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, os olivais apresentam, de um modo geral, bom estado vegetativo, encontrando-se os frutos na fase de crescimento da polpa. Nos olivais de sequeiro observam-se sinais de défice hídrico, refletidos na redução da atividade vegetativa e do crescimento dos frutos. A persistência de temperaturas elevadas e da ausência de precipitação poderá comprometer o enchimento da azeitona e, consequentemente, o potencial produtivo. Em termos produtivos verifica-se uma ligeira diferenciação entre o Alto e o Baixo Dão-Lafões, na primeira, com evolução dos ciclos vegetativos mais tardios, apontando para uma produção ligeiramente inferior, embora com elevado potencial qualitativo. Ao contrário, no Baixo Dão-Lafões regista-se uma maior carga produtiva. As perspetivas para a campanha são positivas, contudo, a quantidade e qualidade, permanecerá dependente da evolução das condições meteorológicas e fitossanitárias durante o restante ciclo cultural.

No Pinhal Sul, a maioria dos olivais é constituída por pomares tradicionais, estando sujeita ao fenómeno da alternância de produção (safra e contrassafra). Assim, os olivais que registaram baixa produção no ano anterior apresentam, este ano, uma boa carga de frutos, enquanto aqueles que produziram abundantemente em 2025 evidenciam uma menor produção. De um modo geral, perspetiva-se uma boa campanha de azeitona, sem problemas fitossanitários relevantes. Os olivais encontram-se no estado fenológico de desenvolvimento dos frutos (figura 11).



Fig. 11 - Azeitonas em desenvolvimento.

Nas **zonas do interior**, tanto em Riba Côa como em Cimo Côa, os olivais apresentam de momento um razoável estado vegetativo, prevendo-se que seja um bom ano, dado o aspeto vegetativo que apresentam.

Quer na Cova da Beira quer na Serra da Estrela, tem-se verificado uma maior queda de frutos devido ao calor excessivo o que poderá vir a afetar a produtividade e a qualidade da azeitona.

Na Campina e Campo Albicastrense, o olival apresenta bom desenvolvimento vegetativo, perspetivando-se boa produtividade, superior à do ano anterior. Há certas variedades, nomeadamente a bical que apresentam uma carga de frutos acima do normal.

• Vinha

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, a vinha apresenta, em geral, bom desenvolvimento vegetativo encontrando-se atualmente no estado fenológico M - Pintor, mesmo nas castas de maturação mais tardia, como por exemplo a Baga. No decorrer do ciclo vegetativo, doenças como o oídio e oídio foram praticamente inexistentes, levando a uma redução da necessidade de tratamentos fitossanitários face a anos anteriores. Registou-se um bom e uniforme abrolhamento dos gomos, indicador de um potencial de boa produção em termos quantitativos e qualitativos. As condições climáticas ocorridas no início do verão (com ondas de calor que atingiram temperaturas superiores a 40.ºC) causaram escaldão nos cachos comprometendo a produção em algumas vinhas, principalmente em vinhas instaladas em encostas orientadas de nascente-poente. Prevê-se a antecipação da vindima em cerca de 2 semanas, iniciando-se pelas castas brancas. Ainda que condicionada pela evolução das condições climáticas, à data, prevê-se que a produção de vinho na presente campanha seja idêntica à da campanha anterior.

No Baixo Mondego, a vinha apresenta bom desenvolvimento vegetativo encontrando-se atualmente no estado fenológico M - Pintor. Antes da ocorrência das ondas de calor, com temperaturas muito elevadas em junho e início de julho, a qualidade e quantidade das uvas apontavam para uma excelente produção. Contudo, os dias consecutivos de temperaturas extremas provocaram escaldão, com cachos totalmente queimados, o que irá comprometer a produção que se previa muito favorável. Desta forma, não é possível, efetuar uma previsão concreta, em termos de variação da produção. A nível fitossanitário, a pressão de

problemas de míldio e de oídio na vinha foi praticamente nula, levando a uma redução da necessidade de tratamentos fitossanitários face a anos anteriores. Prevê-se uma antecipação da vindima em cerca de 2 semanas, iniciando-se a colheita nas castas brancas.

No Pinhal Litoral, o estado vegetativo das vinhas é considerado bom, com cachos bem formados e evolução regular da maturação. As condições de calor e radiação intensa aceleraram o pintor, contribuindo para uma boa qualidade dos bagos, com teores de açúcar adequados e ausência de doenças relevantes. A produção apresenta-se equilibrada, sem quebras significativas face ao ano anterior, embora se mantenha a necessidade de vigilância quanto ao escaldão em parcelas mais expostas.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, a vinha já se encontra no estado fenológico do pintor, estando bastante adiantada face ao ano anterior. A quantidade de cachos traz otimismo aos viticultores, sendo equiparável ao ano anterior. Ainda assim, as questões fitossanitárias (até à data sem grande impacto) e sobretudo as perdas que já se registam por danos cinegéticos estão a criar incerteza na quantidade e qualidade da produção.

Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, a vinha encontra-se no estado fenológico K/L – bago de ervilha/ cacho fechado, dadas as condições climáticas verificadas na alimpa ocorreu muito desavinho, e muitas vinhas sofreram escaldão, o que necessariamente trará uma quebra na produtividade.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, as temperaturas elevadas aceleraram o desenvolvimento vegetativo e a maturação dos cachos. Nas vinhas em regime de sequeiro, verificou-se uma ligeira redução do vigor vegetativo e, pontualmente, escaldão em folhas e cachos mais expostos. Relativamente à produção, prevê-se um aumento face ao ano anterior e boa qualidade da uva, embora condicionado pelo aumento das temperaturas e pela redução gradual da disponibilidade de água.

No Pinhal Sul, as vinhas encontram-se na fase de maturação dos bagos (figura 12). A produção apresenta-se heterogénea.

Fig. 12 - Cachos em maturação.



Nas **zonas do interior**, tanto em Riba Côa como em Cimo Côa, as vinhas apresentam de momento um razoável estado vegetativo.

Quer na Cova da Beira quer na Serra da Estrela, as vinhas, apresentam um bom desenvolvimento dos cachos. No entanto, os ataques de míldio ocorridos até maio – início de junho, trouxeram consequências graves em vinhas não tratadas ou onde os tratamentos efetuados não foram oportunos. Reavaliando as estimativas de produtividades em ambas as regiões, na Serra da Estrela estima-se uma redução de produtividade de cerca de 10% e na Cova da Beira, um acréscimo de cerca de 20%.

Na Campina e Campo Albicastrense, as vinhas já estão no pintor e as tratadas contra problemas fitossanitários apresentam bom estado vegetativo (figura 13), apontando para um aumento da produção de uva da ordem dos 15%. Os javalis são também uma grande ameaça para esta cultura, levando os produtores a proteger as vinhas com cercas elétricas.



Fig. 13 – Vinha no estado fenológico pintor.

6-d – Sementeira vegetativo das culturas arvenses de sequeiro e regadio, nomeadamente: milho, arroz, grão-de-bico, feijão, tomate (para indústria) e girassol; disponibilidade de água para rega.

- **Arroz**

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Mondego, a cultura do arroz encontra-se maioritariamente na fase de espigamento, estando as culturas semeadas em abril a entrar na fase de floração. Aquando da onda de calor verificada no início do mês, o arroz reduziu o seu potencial produtivo, poderá não ter boas condições de crescimento do grão, que sofreu de stress hídrico, levando a que tenda a partir mais e a obter-se menor rendimento. As condições meteorológicas, com muito calor e humidade relativa baixa, poderão prejudicar a floração, levando a menor produtividade desta cultura. Por outro lado, estas condições são desfavoráveis

ao desenvolvimento de periculária. Neste momento, o arroz está com bom desenvolvimento vegetativo, as pequenas amplitudes térmicas registadas e maior número de horas de luz, têm sido favoráveis para esta cultura. Como as sementeiras foram antecipadas, prevê-se que a colheita também o seja em cerca de um mês em relação ao ano transato, com perspetiva em início de setembro. No Vale Central, alguns agricultores aderiram (cerca de 100 ha) ao pousio regenerativo para através da falsa sementeira melhor controlarem a presença de infestantes nesta cultura. Outros optaram por efetuar a rotação de culturas com a cultura do milho. Desta forma, a área semeada de arroz é inferior ao ano transato.

No Baixo Vouga, a cultura do arroz apresenta-se com boa germinação e com bom desenvolvimento vegetativo, apesar da presença de infestantes. As áreas semeadas não variaram em relação ao ano anterior.

No Pinhal Litoral, o arroz apresenta um bom desenvolvimento, com povoamentos homogéneos, boa altura de plantas e evolução regular das fases vegetativas, sustentado pela gestão controlada da água nas parcelas irrigadas, que garante estabilidade produtiva mesmo em períodos de maior calor.

• Feijão, grão-de-bico, outras

Nas **zonas do litoral**, no Pinhal Litoral, as leguminosas de sequeiro, como o grão de bico e o feijão, mostram maior sensibilidade às condições de seca. O grão de bico, mais adaptado ao clima mediterrânico, mantém um estado vegetativo aceitável ainda que com menor vigor em solos mais pobres ou com menor capacidade de retenção de água. O feijão, mais exigente em termos hídricos, apresenta crescimento irregular, menor densidade foliar e maior risco de redução de produtividade, refletindo a limitação hídrica típica desta fase da campanha.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, referência ao chicharo, cultura de sequeiro que se vai mantendo na zona. Tirando alguns terrenos onde não se tem promovido rotatividade (originando problemas fitossanitários), nos restantes, a cultura teve uma campanha favorável. Já foi feita a colheita manual e a produção foi significativamente superior ao ano anterior.

Quer no Alto Mondego quer na Beira Serra, o feijão germinou bem, mas além de denotar menos floração que o normal, há igualmente um menor número de flores vingadas, pelo que se espera uma baixa de produtividade.

Tanto no Alto Dão-Lafões como no Baixo Dão-Lafões, as culturas arvenses de regadio apresentam, de um modo geral, bom estado vegetativo, encontrando-se o grão de bico e o feijão em fases de crescimento e desenvolvimento. O grão-de-bico é uma cultura com expressão reduzida, praticada sobretudo em pequenas explorações de sequeiro e frequentemente inserida em rotações culturais. Apresenta-se, de um modo geral, na fase da maturação das vagens. As temperaturas elevadas e a reduzida precipitação registada nas últimas semanas aceleraram a maturação, podendo limitar o enchimento do grão nas parcelas de sequeiro. O feijão continua a ser uma cultura com representatividade reduzida. Apresenta, de um modo geral, bom estado vegetativo, encontrando-se maioritariamente nas fases de floração, formação e enchimento das vagens. Nas culturas de regadio, o desenvolvimento decorre dentro da normalidade. Contudo, se as temperaturas se mantiverem elevadas, poderá aumentar o stress hídrico e comprometer o enchimento das vagens.

No Pinhal Sul, o feijão-frade apresentou uma emergência deficiente e um reduzido desenvolvimento vegetativo, devido às elevadas temperaturas e à falta de água. Em algumas parcelas foi necessário recorrer à rega, com o objetivo de garantir a produção de semente para a próxima sementeira.

Nas **zonas do interior**, quer em Riba Côa quer em Cimo Côa, estas culturas apresentam um razoável estado vegetativo nas áreas de regadio, fraco no sequeiro.

Tanto na Serra da Estrela como na Cova da Beira, a cultura do feijão que praticamente se traduz no feijão frade, apresenta bons desenvolvimentos e densidades razoáveis, deixando antever também boas produtividades.

Na Campina e Campo Albicastrense, o feijão frade mais adiantado está bem desenvolvido e vigoroso. No entanto algumas áreas encontram-se bastante afetadas por infestantes, nomeadamente pela “figueira-do-inferno” que, nalguns casos, está a ser removida manualmente. Constatam-se diversos estados de desenvolvimento: germinação, crescimento vegetativo e planta com presença simultânea de flores e vagens (figuras 14, 15 e 16). A cultura também passou a sofrer danos causados por cabras “bravas” que destruíram campos inteiros.



Fig. 14 – Germinação de feijão-frade.



Fig. 15 – Crescimento vegetativo de feijão-frade.



Fig. 16 - Feijão frade com flores e vagens.

- **Milho**

Nas **zonas do litoral**, na zona homogénea do Baixo Vouga, os milhos destinados para grão, com as variedades de ciclo mais curto e com as de ciclo mais longo, encontram-se num estado vegetativo normal, fase de floração. A área semeada foi semelhante em relação ao ano transato, atualmente apresenta-se com um bom e uniforme desenvolvimento vegetativo e prevê-se uma produção semelhante à campanha anterior. Contudo devido às chuvas de primavera a sua plantação foi adiada em algumas semanas, e localmente, surgiram ataques severos pela lagarta da desfolha, causando grandes perdas de plantas e levando a uma nova sementeira na totalidade da parcela com grandes prejuízos económicos para o produtor.

No Baixo Mondego, esta cultura apresenta um porte inferior ao verificado no ano passado, devido ao frio registado no mês de maio, que abrandou o seu desenvolvimento vegetativo. Apesar dos tratamentos efetuados têm surgido problemas com infestantes nomeadamente a junça e a milhã, faltando soluções eficazes para controlar algumas das principais infestantes presentes nesta cultura. A onda de calor registada no início do mês acabou por não interferir com o crescimento da planta, uma vez que esta já se encontrava em fase de floração. Apenas ocorreram algumas dificuldades na gestão da rega, devido às diversas necessidades imediatas de água. Neste momento, a cultura do milho encontra-se a terminar a fase de floração. Prevê-se que a colheita seja antecipada.

No Pinhal Litoral, durante este período, as culturas arvenses de sequeiro e regadio apresentam um comportamento vegetativo marcado pela influência das condições meteorológicas quentes e secas que caracterizam o verão, mas com respostas diferenciadas consoante o acesso à água e a tolerância de cada espécie ao stress hídrico. O milho de regadio mantém um desenvolvimento muito favorável, com plantas vigorosas, bom enchimento das espigas e uma evolução fenológica dentro do esperado, beneficiando da disponibilidade de água que permite compensar o défice hídrico do solo. Nas áreas de sequeiro, o milho revela maior heterogeneidade, com porte mais reduzido e menor uniformidade, embora sem comprometer totalmente o potencial produtivo.

Nas **zonas de transição**, quer no Alto Mondego quer na Beira Serra, o milho encontra-se em floração, e não havendo dificuldade em água para rega, auspícia uma boa produtividade.

Tanto no Alto Dão-Lafões como no Baixo Dão-Lafões, as culturas arvenses de regadio apresentam, de um modo geral, bom estado vegetativo, encontrando-se o milho em fases de crescimento e desenvolvimento. As áreas de sementeira do milho (sequeiro e regadio) foram idênticas às do ano anterior. As sementeiras tiveram um atraso devido à saturação de água nos solos, que posteriormente com o calor causou um défice no nascimento. A produtividade mantém-se idêntica face ao ano anterior, contudo, a produtividade final dependerá da disponibilidade de água para rega e da ocorrência de temperaturas extremas durante as fases de enchimento do grão.

No Pinhal Sul, a cultura do milho apresenta um bom estado vegetativo, encontrando-se na fase de espigamento/floração. Caso não ocorram constrangimentos ao nível da rega ou problemas fitossanitários relacionados com pragas, prevê-se um bom potencial produtivo.

Nas **zonas do interior**, quer em Riba Côa quer em Cimo Côa, estas culturas apresentam um razoável estado vegetativo nas áreas de regadio, fraco no sequeiro.

Tanto na Serra da Estrela como na Cova da Beira, de uma forma geral, as culturas forrageiras, assim como o milho híbrido para grão de regadio, apresentam bom desenvolvimento (figura 17). As culturas forrageiras de sequeiro, nas quais se incluem as tradicionais milharadas de sequeiro, estiveram dependentes de uma boa preparação do solo por forma a manter a humidade essencial a uma boa germinação e às temperaturas registadas que em bom rigor e principalmente na Cova da Beira, foram excessivamente elevadas para permitir um bom desenvolvimento das culturas ao longo do mês, com exceção das cultivadas nas terras frescas.



Fig. 17 - Campo de milho híbrido de regadio para grão – Ferro (Cova da Beira).



Fig. 18 – Milho híbrido com o pendão visível.

- **Girassol**

Nas **zonas do litoral**, no Pinhal Litoral, o girassol, cultura mais tolerante ao stress hídrico, mantém um estado vegetativo robusto, com capítulos bem formados e boa evolução do enchimento, embora com diferenças visíveis entre parcelas de sequeiro e regadio, sobretudo no porte das plantas e no peso final das sementes.

Nas zonas de transição, quer no Alto Mondego quer na Beira Serra, esta cultura encontra-se em floração, está com bom aspecto, e previsivelmente terá uma boa produtividade (idêntica ao ano anterior no Alto Mondego e superior na Beira Serra).

- **Tomate para indústria**

Nas **zonas do litoral**, e na única zona homogénea produtora - Pinhal Litoral, o tomate para indústria encontra-se já em colheita, com produtividades muito satisfatórias, próximas das 120 toneladas por hectare, resultado de uma boa instalação da cultura, de uma floração homogénea e de um enchimento de frutos favorecido pela rega regular. A qualidade tecnológica do fruto (firmeza, teor de sólidos solúveis e coloração) apresenta-se dentro dos parâmetros exigidos pela indústria transformadora.

- **Disponibilidade de água**

De um modo geral, nas três zonas (**litoral, transição e interior**) ainda não se verificou falta de água para rega e abeberamento dos animais, apesar dos níveis freáticos estarem a diminuir em resultado das elevadas temperaturas verificadas, ausência de precipitação nos últimos meses e pelo aumento da necessidade de rega.

9-c – Batata: estado vegetativo da cultura de regadio, andamento das colheitas da cultura de sequeiro; rendimento e qualidade dos produtos.

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, a campanha da batata primor teve uma produção média de 30 ton/ha, com qualidade semelhante ao último ano, e vendida no mercado nacional a 0,40€/kg, preço bastante aceitável comparativamente ao ano transacto. A cultura da batata de conservação, que ainda está a ser colhido neste mês de julho e se prolonga por agosto, está com um bom desenvolvimento, sem doenças ou pragas a assinalar, com boa distribuição e crescimento uniforme. Não se registam variações nas áreas semeadas, prevendo-se uma produção de 40 a 45 ton/ha. Contudo à semelhança do ano transato, o mercado nacional está estagnado, recorrendo ao aumento da importação da batata para garantir o seu fornecimento, e atualmente o preço no mercado nacional para nossos produtores é de apenas 0,10€/kg. Estamos perante mais um ano de campanha da batata nacional de grande prejuízo para os produtores que se veem obrigados a vender o seu produto a preços que não cobrem os custos de produção, denotando mesmo um sentimento de frustração para com a inação das autoridades nacionais por permitirem a disparidade entre preços da batata no produtor e o preço final ao consumidor, que chega a atingir os 500% de diferença.

Na zona homogénea do Baixo Mondego, a batata de sequeiro já foi totalmente colhida em junho, apresentou boa qualidade e quantidade em relação ao ano passado. A batata de regadio encontra-se na fase final do seu desenvolvimento vegetativo, e em alguns terrenos agrícolas já se iniciaram as colheitas. A batata apresenta boa qualidade e prevêem-se boas produções.

No Pinhal Litoral, durante este período, a cultura da batata apresentou comportamentos distintos entre as zonas de sequeiro e de regadio, fortemente condicionados pelas condições meteorológicas e pela disponibilidade de água no solo. Nas áreas de regadio, o estado vegetativo foi globalmente bom, com plantas bem desenvolvidas, folhagem vigorosa e tuberização regular, beneficiando da rega controlada que permitiu compensar os efeitos do calor intenso e da ausência de precipitação significativa. A evolução fenológica decorreu dentro do esperado, com boa formação de tubérculos e calibres adequados às exigências comerciais, refletindo uma campanha produtiva equilibrada. Nas zonas de sequeiro, o andamento das colheitas foi marcado por forte heterogeneidade. No Vale do Lis, a cultura não chegou a ser instalada devido às condições adversas de início de campanha, nomeadamente o excesso de água no solo e episódios de encharcamento que inviabilizaram a preparação das terras e a entrada das máquinas. No entanto, nas zonas onde não ocorreu encharcamento e onde existiu disponibilidade hídrica suficiente, a batata apresentou uma produção satisfatória. Os tubérculos revelaram escaldão provocado pelas ondas de calores, especialmente em solos arenosos, o que afetou a produtividade.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, a colheita da batata já arrancou e deverá prolongar-se pelas próximas semanas. O período de plantação acabou por ser mais longo devido à forte precipitação, que dificultou a preparação dos terrenos e atrasou o início da campanha. Mesmo após uma campanha exigente, marcada por replantações e vários tratamentos fitossanitários, os produtores registam bons níveis de produtividade e calibres razoáveis.

Nas zonas homogéneas do Alto Mondego e da Beira Serra, a batata de regadio, em final de colheita, confirmou um maior número de tubérculos por planta e com maior calibre que o ano passado, e contrariamente ao esperado, houve um real aumento de produtividade no caso da Beira Serra.

No Alto Dão-Lafões e no Baixo Dão-Lafões, a área de plantação da batata tanto de sequeiro como de regadio foi idêntica à do ano anterior. Na batata de sequeiro ainda decorre a colheita, no Alto Dão Lafões, apresentando, de modo geral, boa qualidade e produtividade ligeiramente superior à campanha anterior. Relativamente à batata de regadio apresenta, de um modo geral, bom estado vegetativo, encontrando-se

maioritariamente nas fases de enchimento e maturação dos tubérculos. A disponibilidade de água para rega tem permitido assegurar o normal desenvolvimento da cultura, contribuindo para um bom calibre e qualidade. Quanto à produtividade, prevê-se um aumento de cerca de 10% face ao ano anterior.

No Pinhal Sul, a batata de regadio já colhida apresentou uma boa produção, quer em quantidade quer em calibre dos tubérculos, registando valores superiores aos verificados em 2025.

Nas **zonas do interior**, quer em Riba quer em Cimo Côa, está praticamente terminada a colheita da batata, quer de regadio quer de sequeiro, tendo-se obtido bons resultados em todos os aspetos, sem alteração da variação da produção/rendimento em relação ao ano anterior.

Nas zonas homogêneas da Cova da Beira e da Serra da Estrela, a batata de sequeiro, representa cada vez menos área, sendo mais representativa na Serra da Estrela. Decorre o arranque da batata de regadio, estimando-se produtividades acima dos valores referentes a 2025 em cerca de 15%, em particular nas áreas com uma vertente de cultura profissional. Nas figuras seguintes podem ser visualizadas quer o arranque mecanizado quer o produto final.



Fig. 19 - Pormenor do arranque de batata para consumo (var. Red Scarlet) – Celorico da Beira (Serra da Estrela).

Fig. 20 - Batata para consumo – Celorico da Beira (Serra da Estrela).

Na Campina e Campo Albicastrense, a batata de sequeiro está colhida, com produção superior ao ano anterior em certos casos. Parte da batata de regadio foi colhida prevendo-se igualmente um aumento de produção e bons calibres.

ANEXO I

DISPONIBILIDADE DE ÁGUA NAS ALBUFEIRAS DOS APROVEITAMENTOS HIDROAGRÍCOLAS															
31/07/2026															
Concelho	Albufeira	Cota (NPA)	Vol. total (NPA) - hm3	Vol. morto hm3	Vol. útil - hm3	Armazenamento total				%ao NPA	Armazenamento útil		Descargas nos últimos 7 dias		
						Cota actual	Actual (hm3)	Ultima leitura (hm3)	Varição (hm3)		Vol. útil armaz - hm3	%	Descarregador de Cheias	Descarga de fundo	Caudal ecológico
Anadia	Porcão	104,00	0,102	0,004	0,098	103,00	0,092	0,096	-0,004	89,7%	0,088	89,3%	não	não	n.a.
Castelo Branco	Maguelja	353,50	0,134	0,000	0,134	352,80	0,115	0,129	-0,014	85,8%	0,115	85,8%	não	não	n.a.
Figueira de Castelo Rodrigo	Vermiosa	684,80	2,200	0,050	2,150	683,90	1,611	1,642	-0,031	73,2%	1,561	73,2%	não	não	não
Mortágua	Macieira	143,60	0,946	0,026	0,920	142,50	0,838	0,857	-0,019	88,6%	0,812	88,6%	não	não	sim
Oliveira de Frades	Pereiras	482,00	0,120	0,005	0,116	478,65	0,040	0,044	-0,004	33,1%	0,035	33,1%	não	não	n.a.
Pinhel/Trancoso	Bouça-Cova	577,00	4,867	0,183	4,684	575,02	3,625	3,675	-0,050	74,5%	3,442	74,5%	não	não	sim
Sabugal	Alfaiates	801,00	0,854	0,204	0,650	800,34	0,719	0,735	-0,016	84,2%	0,515	84,2%	não	não	não
Vila Velha de Ródão	Açafal	112,60	1,746	0,000	1,746	111,02	1,460	1,471	-0,011	83,6%	1,460	83,6%	não	não	não
Vila Velha de Ródão	Coutada/ Tamujais	131,00	3,891	0,591	3,300	127,70	2,607	2,740	-0,133	67,0%	2,016	67,0%	não	não	não
Viseu	Calde	547,20	0,589	0,033	0,556	545,99	0,491	0,494	-0,003	83,3%	0,458	83,3%	não	não	n.a.
			15,449	1,095	14,354		11,597	11,882		76,3%	10,501	75,1%			
OBSERVAÇÕES/OUTROS:															
n. a. (não aplicável) - barragens sem válvula de descarga do caudal ecológico; Calde e Coutada, por exemplo, garantem os caudais ecológicos com outras origens de água que afluem à zona imediatamente a jusante das barragens.															
Fonte: CCDRC/DIGRH															



WWW.CCDRC.PT

